

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

FEVEREIRO DE 1864

Nº 2

O Sr. Home em Roma

Vários jornais reproduziram o seguinte artigo:

“O incidente da semana – escrevem de Roma, ao *Times* – é a ordem dada ao Sr. Home, o célebre médium, para deixar a cidade pontifícia em três dias.

“Convidado a apresentar-se à polícia romana, o Sr. Home passou por um interrogatório formal. Perguntaram-lhe quanto tempo pretendia passar em Roma; se se entregava às práticas do Espiritismo depois de sua conversão ao catolicismo, etc., etc. Eis algumas palavras trocadas na ocasião, tais quais o próprio Sr. Home registrou em suas notas particulares, e que ele transmite, ao que parece, com muita facilidade.

“– Depois de vossa conversão ao catolicismo, exercestes o poder de médium? – Nem depois, nem antes exerci tal poder, pois, como não depende de minha vontade, não posso dizer que o exerço. – Considerais esse poder como um dom da Natureza? – Eu o considero como um dom de Deus. – Que religião ensinam os Espíritos? – Isto depende. – Que fazeis para que eles

venham? – Respondi que nada fazia. Mas no mesmo instante, batidas repetidas e distintas foram ouvidas sobre a mesa onde escrevia o meu investigador. – Mas também fazeis as mesas se moverem? perguntou ele. No mesmo instante a mesa se pôs em movimento.”

“Pouco tocado por esses prodígios, o chefe da polícia convidou o mágico a deixar Roma em três dias. Abrigando-se, como era direito seu, sob a proteção das leis internacionais, o Sr. Home relatou o fato ao cônsul da Inglaterra, o qual obteve do Sr. Matteucci a garantia de que o célebre médium não seria incomodado e poderia continuar sua estada em Roma, desde que se abstivesse, durante esse tempo, de qualquer comunicação com o mundo espiritual. Coisa admirável! O Sr. Home aceitou a esta condição e assinou o compromisso que lhe exigiam. Como pôde comprometer-se a não usar um poder, cujo exercício independe de sua vontade? É o que não buscaremos penetrar.”

Não sabemos até que ponto a narrativa é exata, em todos os seus detalhes. Mas uma carta, escrita ultimamente pelo Sr. Home a uma senhora do nosso conhecimento parece confirmar o fato principal. Quanto às batidas ouvidas na ocasião, julgamos que se pode, sem receio, inclui-las entre as facécias a que nos habituaram os jornais pouco preocupados em aprofundar as coisas do outro mundo.

De fato o Sr. Home está em Roma neste momento; e, para ele, o motivo é muito honroso para que não o digamos, já que os jornais houveram por bem aproveitar a ocasião para o ridicularizar.

O Sr. Home não é rico e não teme dizer que deve buscar no trabalho os recursos para fazer face às despesas sob sua responsabilidade. Pensou em encontrá-los no talento natural que tem pela escultura, e para se aperfeiçoar nesta arte é que foi para

Roma. Com a notável faculdade mediúnica que possuí, poderia ser rico, muito rico mesmo, se a tivesse querido explorar. A mediocridade de sua posição é a melhor resposta ao epíteto de hábil charlatão, que lhe lançaram ao rosto. Mas ele sabe que essa faculdade lhe foi dada com um fim providencial, para os interesses de uma causa santa, e julgaria cometer um sacrilégio se a convertesse em profissão. Ele tem bem alto o sentimento dos deveres que ela lhe impõe para compreender que os Espíritos se manifestam pela vontade de Deus para reconduzir os homens à fé na vida futura, e não para se exibirem num espetáculo de curiosidades, em concorrência com os escamoteadores, ou para servirem à cupidez dos que pretendessem explorá-la. Aliás, ele também sabe que os Espíritos não estão às ordens nem aos caprichos de ninguém e, menos ainda, de quem quer que queira *exibir* seus atos e gestos a tanto por sessão. Não há um só médium no mundo que possa garantir a produção de um fenômeno espírita num dado momento, donde forçoso é concluir que a pretensão contrária dá prova de absoluta ignorância dos mais elementares princípios da ciência; sendo assim, toda suposição é permitida, porque se os Espíritos não responderem ao chamado, ou não fizerem *coisas muito admiráveis* para satisfazer os curiosos e sustentar a reputação do médium, é mesmo necessário encontrar um meio de as dar aos espectadores em troca de seu dinheiro, se não se quiser devolvê-lo.

Nunca repetiríamos em demasia: a melhor garantia de sinceridade é o desinteresse absoluto. Um médium é sempre forte quando pode responder aos que suspeitassem de sua boa-fé: “Quanto pagastes para vir até aqui?”

Ainda uma vez: a mediunidade séria não pode ser e jamais será uma profissão. Não só porque seria moralmente desacreditada, mas porque repousa sobre uma faculdade essencialmente móvel, fugidia e variável, que nenhum dos que a possuem hoje está certo de a possuir amanhã. Só os charlatões

estão sempre seguros de si mesmos. Outra coisa é um talento adquirido pelo estudo e pelo trabalho que, por isto mesmo, é uma propriedade, da qual é naturalmente permitido tirar partido. De modo algum a mediunidade está neste caso. Explorá-la é dispor de uma coisa da qual realmente não se é dono; é desviá-la de seu objetivo providencial; mais ainda: não é de *si próprio* que se dispõe, é dos Espíritos, das almas dos mortos, cujo concurso é posto a prêmio. Este pensamento repugna instintivamente. Eis por que em todos os centros sérios, onde se ocupam do Espiritismo santamente, religiosamente, como em Lyon, Bordeaux e tantos outros lugares, os médiuns exploradores seriam completamente desconsiderados.

Que aquele, pois, que não tem de que viver procure alhures os recursos e, se necessário, só consagre à mediunidade o tempo que materialmente a ela possa dedicar. Os Espíritos levarão em conta o seu devotamento e os seus sacrifícios, ao passo que, mais cedo ou mais tarde, punem os que esperam dela fazer um trampolim, seja pela retirada da faculdade, pelo afastamento dos Espíritos bons, pelas mistificações comprometedoras, seja por meios ainda mais desagradáveis, como o prova a experiência.

O Sr. Home sabe muito bem que perderia a assistência de seus Espíritos protetores se abusasse de sua faculdade. Sua primeira punição seria a perda da estima e da consideração de famílias honradas, onde é recebido como amigo e onde não seria chamado senão da mesma maneira que as pessoas que vão dar representações em domicílio. Quando de sua primeira estada em Paris, sabemos que certos círculos lhe fizeram ofertas muito vantajosas para dar sessões e que ele sempre recusou. Todos os que o conhecem e compreendem os verdadeiros interesses do Espiritismo aplaudirão a resolução que hoje toma. Por nossa conta pessoal nós lhe somos reconhecido pelo bom exemplo que dá.

Se insistimos novamente sobre a questão do desinteresse dos médiuns, é que temos razões de crer que a

mediunidade *fictícia e abusiva* é um dos meios de que se servem os inimigos do Espiritismo com vistas a desacreditá-lo e o apresentar como obra do charlatanismo. É necessário, pois, que todos os que se interessam vivamente pela causa da doutrina se dêem por advertidos, a fim de desmascarar as manobras fraudulentas, se houver, e mostrar que o Espiritismo verdadeiro nada tem de comum com as paródias que dele poderiam fazer, e que repudia tudo quanto se afaste do princípio moralizador, que é sua essência.

O artigo acima referido oferece vários outros assuntos de observação. O autor julga dever qualificar o Sr. Home de mágico; nada há nisto de mais ingênuo. Mas, um pouco adiante ele diz: “o célebre médium”, expressão empregada em relação a indivíduos que adquiriram uma triste celebridade. Onde, pois, as infrações e os crimes do Sr. Home? É uma injúria gratuita, não só a ele, mas a todas as pessoas respeitáveis e altamente colocadas, que o recebem e, assim, parecem patrocinar um homem de má fama.

A última frase do artigo é mais curiosa, porque encerra uma dessas contradições flagrantes com que, aliás, os nossos adversários pouco se inquietam. O autor se surpreende que o Sr. Home tenha consentido no compromisso que lhe impunham e pergunta como pôde ele prometer não fazer uso de um poder independente de sua vontade. Se ele quisesse sabê-lo, nós o remeteríamos ao estudo dos fenômenos espíritos, de suas causas e de seu modo de produção, e ele ficaria sabendo como o Sr. Home pôde assumir um compromisso que, ademais, não diz respeito às manifestações que ele obtém na intimidade, ainda que sob os ferrolhos da Inquisição. Mas parece que o autor não liga tanto, já que acrescenta: “É o que não buscaremos penetrar.” Por essas palavras, insidiosamente dá a entender que tais fenômenos não passam de embuste.

Todavia, a medida tomada pelo governo pontifício prova que este tem medo das manifestações ostensivas. Ora, não se

pode temer um jogo de habilidades. Esse mesmo governo interditaria os supostos físicos, que imitam muito essas manifestações? Não, certamente, porque em Roma permitem muitas outras coisas menos evangélicas. Por que, então, interdité-las ao Sr. Home? Por que querer expulsá-lo do país, se não passa de um prestidigitador? Dirão que é no interesse da religião; seja. Mas, então, essa religião é muito frágil, já que pode ser comprometida com tanta facilidade. Em Roma, como noutra lugar, os escamoteadores executam, com maior ou menor habilidade, o truque da garrafa encantada, na qual a água se transforma em todas as espécies de vinho, e o do chapéu mágico, no qual se multiplicam pães e outros objetos. Entretanto, não receiam que isto desacredite os milagres de Jesus-Cristo, pois é sabido que não passam de imitações. Se temem o Sr. Home, é que há de sua parte algo de sério e não truques habilidosos.

Tal a conseqüência que tirará todo homem que refletir um pouco. Não entra na cabeça de nenhuma pessoa sensata que um governo, que uma corte soberana, composta de homens que, com toda justiça, não passam por tolos, se apavorem com um mito. Esta reflexão – por certo não seremos os únicos a fazê-la – e os jornais que se apressaram em divulgar o incidente, com vistas a ridicularizá-lo, muito naturalmente vão provocá-la, de sorte que o resultado será, como o de tudo que já foi feito para matar o Espiritismo, o de popularizar a idéia. Assim um fato, aparentemente insignificante, terá, inevitavelmente, conseqüências mais graves do que tinham pensado. Não duvidamos que tenha sido suscitado para apressar a eclosão do Espiritismo na Itália, onde já conta numerosos representantes, mesmo no clero. Também não duvidamos que a cúria romana se torne, mais cedo ou mais tarde, e sem o querer, um dos principais instrumentos de propagação da doutrina nesse país, porque está no destino que seus próprios adversários devem servir para espalhar por toda parte aquilo que eles mesmos farão para a destruir. Cego, pois, quem nisto não ver o dedo da Providência. Sem contradita, será um dos

fatos mais consideráveis da história do Espiritismo, um dos que melhor atestam seu poder e sua origem.

Primeiras Lições de Moral da Infância

De todas as chagas morais da sociedade, o egoísmo parece a mais difícil de extirpar. Com efeito, ela o é tanto mais quanto mais alimentada pelos mesmos hábitos da educação. Tem-se a impressão que, desde o berço, a gente se esforça para excitar certas paixões que, mais tarde, se tornam uma segunda natureza, e nos admiramos dos vícios da sociedade, quando as crianças os sugam com o leite. Eis um exemplo que, como cada um pode julgar, pertence mais à regra do que à exceção.

Numa família de nosso conhecimento há uma menina de quatro a cinco anos, de rara inteligência, mas que tem os pequenos defeitos das crianças mimadas, ou seja, é um pouco caprichosa, chorona, teimosa, e nem sempre agradece quando lhe dão alguma coisa, o que os pais levam a peito corrigir, porque, fora desses pequenos defeitos, segundo eles, ela tem *um coração de ouro*, expressão consagrada. Vejamos como eles agem para lhe tirar essas pequenas manchas e conservar o ouro em sua pureza.

Certo dia trouxeram um doce à criança e, como de costume, lhe disseram: “Tu o comerás, se fores ajuizada.” Primeira lição de gulodice. Quantas vezes, à mesa, não acontece dizerem a uma criança que não comerá tal guloseima se chorar. Dizem: “Faze isto ou faze aquilo e terás creme”, ou qualquer outra coisa que lhe apeteça; e a criança é constrangida, não pela razão, mas tendo em vista a satisfação de um desejo sensual que incentivam. É ainda muito pior quando lhe dizem, o que não é menos freqüente, que darão a sua parte a uma outra. Aqui já não é só a gulodice que está em jogo, é a inveja. A criança fará o que lhe pedem, não só para ter, mas para que a outra não tenha. Querem lhe dar uma lição de

generosidade? Então dizem: “Dá esta fruta ou este brinquedo a alguém.” Se ela recusa, não deixam de acrescentar, para nela estimular um bom sentimento: “Eu te darei um outro.” Assim, a criança só se decide a ser generosa quando está certa de nada perder.

Um dia testemunhamos um fato bem característico neste gênero. Era uma criança de cerca de dois anos e meio, a quem tinham feito semelhante ameaça, acrescentando: “Nós o daremos ao irmãozinho e tu não comerás.” E, para tornar a lição mais sensível, puseram a porção no prato deste; mas o irmãozinho, levando a coisa a sério, comeu a porção. À vista disto, o outro ficou vermelho e não era preciso ser pai ou mãe para ver o lampejo de cólera e de ódio que brotou de seus olhos. A semente estava lançada; poderia produzir bom grão?

Voltemos à menina, da qual falamos. Como não levou em consideração a ameaça, sabendo por experiência que raramente a executavam, desta vez os pais foram mais firmes, pois compreenderam a necessidade de dominar esse pequeno caráter, e não esperar que a idade lhe tivesse feito adquirir um mau hábito. Diziam que é preciso formar as crianças desde cedo, máxima muita sábia e, para a pôr em prática, eis o que fizeram: “Eu te prometo – disse a mãe – que se não obedeceres, amanhã cedo darei o teu bolo à primeira criança pobre que passar.” Dito e feito. Desta vez não cederam e lhe deram uma *boa lição*. Assim, no dia seguinte de manhã, tendo sido avistada uma pequena mendiga na rua, fizeram-na entrar, obrigaram a filha a toma-la pela mão e ela mesma lhe dar o seu bolo. Acerca disto elogiaram a sua docilidade. Moralidade: a filha disse: Se eu soubesse disto teria tido pressa em comer o bolo ontem.” E todos aplaudiram esta resposta espirituosa. Com efeito, a criança tinha recebido uma forte lição, mas lição de puro egoísmo, da qual não deixará de aproveitar outra vez, pois agora sabe o que custa a generosidade forçada. Resta saber que frutos dará mais tarde esta semente, quando, com mais idade, a criança fizer

aplicação dessa moral em coisas mais sérias que um bolo. Sabem-se todos os pensamentos que este único fato pode ter feito germinar nessa cabecinha? Depois disto, como querem que uma criança não seja egoísta quando, em vez de nela despertar o prazer de dar e de lhe representar a felicidade de quem recebe, impõe-lhe um sacrifício como punição? Não é inspirar aversão ao ato de dar e àqueles que têm necessidade? Um outro hábito, igualmente freqüente, é o de castigar a criança mandando-a comer na cozinha com os empregados domésticos. A punição está menos na exclusão da mesa do que na humilhação de ir para a mesa dos criados. Assim se acha inoculado, desde a mais tenra idade, o vírus da sensualidade, do egoísmo, do orgulho, do desprezo aos inferiores, das paixões, numa palavra, que são, e com razão, consideradas como as chagas da Humanidade. É preciso ser dotado de uma natureza excepcionalmente boa para resistir a tais influências, produzidas na idade mais impressionável e onde não podem encontrar o contrapeso da vontade, nem da experiência. Assim, por pouco que aí se ache o germe das más paixões, o que é o caso mais comum, considerando-se a natureza da maioria dos Espíritos que encarnam na Terra, não pode senão desenvolver-se sob tais influências, ao passo que seria preciso espreitar-lhe os menores traços para os abafar.

Sem dúvida a falta é dos pais; mas, é bom dizer, muitas vezes estes pecam mais por ignorância do que por má-vontade. Em muitos há, incontestavelmente, uma censurável despreocupação, mas em outros a intenção é boa, é o remédio que nada vale, ou que é mal aplicado. Sendo os primeiros médicos da alma de seus filhos, deveriam ser instruídos, não só de seus deveres, mas dos meios de os cumprir. Não basta ao médico saber que deve procurar curar: é preciso saber como proceder. Ora, para os pais, onde os meios de instruir-se nesta parte tão importante de sua tarefa? Hoje se dá muita instrução à mulher, submetem-na a exames rigorosos, mas jamais exigiram de uma mãe que ela soubesse como agir para

formar o moral de seu filho. Ensinam-lhe receitas caseiras, mas não a iniciam nos mil e um segredos de governar os jovens corações. Assim, os pais são abandonados, sem guia, à sua iniciativa, razão por que tantas vezes enveredam por falsa rota; também recolhem, nas imperfeições dos filhos já crescidos, o fruto amargo de sua inexperiência ou de uma ternura mal entendida, e a sociedade inteira lhes recebe o contragolpe.

Considerando-se que o egoísmo e o orgulho são a fonte da maioria das misérias humanas, enquanto reinarem na Terra não se pode esperar nem a paz, nem a caridade, nem a fraternidade. É preciso, pois, atacá-los no estado de embrião, sem esperar que fiquem vivazes.

Podem o Espiritismo remediar esse mal? Sem nenhuma dúvida; e não vacilamos em dizer que é o único bastante poderoso para o fazer cessar, a saber: por um novo ponto de vista sob o qual faz encarar a missão e a responsabilidade dos pais; fazendo conhecer a fonte das qualidades inatas, boas ou más; mostrando a ação que se pode exercer sobre os Espíritos encarnados e desencarnados; dando a fé inabalável que sanciona os deveres; enfim, moralizando os próprios pais. Ele já prova sua eficácia pela maneira mais racional pela qual são educadas as crianças nas famílias verdadeiramente espíritas. Os novos horizontes que abre o Espiritismo fazem ver as coisas de modo bem diverso; sendo o seu objetivo o progresso moral da Humanidade, forçosamente deverá projetar luz sobre a grave questão da educação moral, fonte primeira da moralização das massas. Um dia compreenderão que este ramo da educação tem seus princípios, suas regras, como a educação intelectual, numa palavra, que é uma verdadeira ciência; talvez um dia, também, haverão de impor a toda mãe de família a obrigação de possuir esses conhecimentos, como impõem ao advogado a de conhecer o Direito.

Um Drama Íntimo

APRECIÇÃO MORAL

O *Monde illustré*, de 7 de fevereiro de 1863, conta o seguinte drama de família que, com justa razão, comoveu a sociedade de Florença. Assim começa o autor a sua narração:

“Eis a história. *Ele* era um velho de setenta e dois anos; *ela*, uma jovem de vinte. Haviam casado há três anos... Não vos revolteis! o velho conde, originário de Viterbo, era absolutamente sem família, o que é muito estranho para um milionário! Amália não era sem família, mas antes sem milhões. Para compensar as coisas, quase a tendo visto nascer, sabendo-a de bom coração e de espírito encantador, ele tinha dito à mãe: ‘Deixai-me paternalmente casar com Amália; durante alguns anos ela cuidará de mim; e depois...?’

“Fez-se o casamento. Amália compreende os seus deveres; cerca o velho dos mais assíduos cuidados e lhe sacrifica todos os prazeres de sua idade. Tendo o conde ficado cego e quase parálítico, ela passava longas horas do dia a lhe fazer companhia, leituras, a lhe contar tudo quanto o podia distrair e encantar. ‘Como sois boa, minha cara filha!’, exclamava ele muitas vezes, tomando-lhe as mãos e atraindo-a para depor sobre sua fronte o casto e doce beijo da ternura e do reconhecimento.

“Entretanto, um dia notou que Amália se afasta de sua pessoa; que, embora sempre assídua e cheia de solicitude, parece temer sentar-se ao seu lado. Uma suspeita lhe atravessa o espírito. Uma noite, quando ela fazia a leitura, ele lhe agarra o braço, a atrai para si e enlaça-lhe a cintura; então, soltando um grito terrível, cai desmaiado de emoção e de cólera aos pés da jovem! Amália perde a cabeça; lança-se para a escada, atinge o andar mais alto da casa, precipita-se pela janela e cai despedaçada. O velho não sobreviveu mais que seis horas a esta catástrofe.”

Haverão de perguntar que relação pode ter esta história com o Espiritismo. Vê-se aí a intervenção de alguns Espíritos maliciosos? – Essas relações estão nas deduções que o Espiritismo ensina a tirar das coisas aparentemente mais vulgares da vida. Enquanto o céptico ou o indiferente não vê num fato senão uma oportunidade para exercitar sua verve zombeteira, ou passa ao lado sem o notar, o espírita o observa e dele tira instrução, remontando às causas providenciais, sondando-lhes as conseqüências para a vida futura, conforme os exemplos que as relações de além-túmulo lhe oferecem da Justiça de Deus. No fato acima relatado, em vez de simples anedota divertida, entre o velho *ele* e a jovem *ela*, o Espiritismo vê duas vítimas. Ora, como o interesse pelos infelizes não se detém no limiar da vida presente, mas os segue na vida porvindoura, na qual acredita, ele pergunta se aí não há um duplo castigo para uma dupla falta e se ambos não foram punidos por onde pecaram. Vê um suicídio; e como sabe que esse crime é sempre punido, pergunta qual o grau de responsabilidade em que incorre aquele que o cometeu.

Vós que acreditais que o Espiritismo só se ocupa de duendes, de aparições fantásticas, de mesas girantes e de Espíritos batedores, se vos désseis ao trabalho de o estudar, saberíeis que ele toca em todas as questões morais. Esses Espíritos, que vos parecem tão ridículos, e que, entretanto, não passam das almas dos homens, dão a quem observa as suas manifestações a prova de que ele próprio é Espírito, momentaneamente ligado a um corpo; vê na morte não o fim da vida, mas a porta da prisão que se abre ao prisioneiro para o restituir à liberdade. Aprende que as vicissitudes da vida corporal são as conseqüências de suas próprias imperfeições, isto é, das expiações pelo passado e pelo presente, e provações para o futuro. Daí é naturalmente conduzido a não ver o cego acaso nos acontecimentos, mas a mão da Providência. Para ele a reta sentença: *A cada um segundo as suas obras* não só acha a sua aplicação no além-túmulo, mas, também, até mesmo na Terra. Eis por que tudo o que se passa à sua volta tem o seu valor, a sua

razão de ser; ele o estuda para dele tirar proveito e regular sua conduta com vistas ao futuro que, para ele, é uma realidade demonstrada. Remontando às causas dos infortúnios que o afligem, aprende a não mais acusar a sorte ou a fatalidade por tais desgraças, mas a si mesmo.

Não tendo esta digressão outro objetivo a não ser mostrar que o Espiritismo se ocupa de algo mais que de Espíritos batedores, voltemos ao nosso assunto. Já que o fato foi tornado público, é permitido apreciá-lo, levando-se em conta que não designamos ninguém nominalmente.

Se se examinar a coisa do ponto de vista puramente mundano, a maioria só verá nele a conseqüência muito natural de uma união desproporcionada e atirará no velho a pedra do ridículo como oração fúnebre; outros acusarão de ingratidão a jovem mulher que enganou a confiança do homem generoso que queria enriquecê-la. Mas, para o espírita, ela tem um lado mais sério, pois aí busca um ensinamento. Então perguntaremos se, na ação do velho, não haveria mais egoísmo que generosidade ao submeter uma moça, quase criança, à sua caducidade, por laços indissolúveis, numa idade em que, antes, deveria pensar no recolhimento, e não nos prazeres da vida? Se, impondo-lhe esse duro sacrifício, não era fazê-la pagar bem caro a fortuna que ele lhe prometera? Não há verdadeira generosidade sem desinteresse. Quanto à jovem, não podia aceitar esses laços senão com a perspectiva de os ver rompidos em breve, já que nenhum motivo de afeição a ligava ao velho. Havia, pois, cálculo de ambos os lados e esse cálculo foi frustrado; Deus não permitiu que nenhum deles o aproveitasse, infligindo a desilusão a um e a vergonha ao outro, que os mataram a ambos.

Resta a responsabilidade do suicídio, que jamais fica impune, mas que, muitas vezes, encontra circunstâncias atenuantes. A mãe da moça, para a encorajar a aceitá-lo, havia dito: “Com esta grande fortuna farás a felicidade do homem pobre que amares. Enquanto esperas, honra e respeita esse grande coração que quis

fazer-te sua herdeira, durante o tempo que lhe *restar* de vida.” Era tomá-la pelo lado sensível; mas, para fruir dos benefícios desse grande coração, que teria sido muito maior se a tivesse dotado sem interesse, era preciso especular sobre a duração de sua vida. A jovem errou ao ceder, mas a mãe errou mais em excitá-la e certamente é ela que incorrerá na maior parte da responsabilidade do suicídio da filha. Assim, aquele que se mata para escapar à miséria é culpado da falta de coragem e de resignação, mas, muito mais culpado ainda, é o causador primário desse ato de desespero. Eis o que o Espiritismo ensina, pelos exemplos que põe aos nossos olhos e aos daqueles que estudam o mundo invisível. Quanto à mãe, sua punição começa nesta vida: primeiro pela morte horrível da filha, cuja imagem talvez venha persegui-la e torturá-la de remorsos; depois, pela inutilidade do sacrifício que provocou, uma vez que a fortuna do marido, morto seis horas depois de sua mulher, vai para os colaterais afastados, e ela não a aproveitará.

Os jornais estão cheios de casos de todos os gêneros, louváveis ou censuráveis, que, como este que acabamos de referir, podem oferecer assuntos para estudos morais sérios; para os espíritas é uma mina inesgotável de observações e instruções. O Espiritismo lhes dá os meios de aí descobrir o que se passa despercebido para os indiferentes e, mais ainda, para os cépticos, que só vêem os fatos picantes, sem lhes procurar nem as causas, nem as conseqüências. Para os grupos, é um elemento fecundo de trabalho, no qual os Espíritos protetores não deixarão de os auxiliar, dando a sua apreciação.

O Espiritismo nas Prisões

Na *Revista* de novembro de 1863 publicamos a carta de um condenado, detido numa penitenciária, como prova da influência moralizadora do Espiritismo. A carta a seguir, de um condenado em outra prisão, é mais um exemplo desta poderosa

influência. É de 27 de dezembro de 1863; transcrevemo-la textualmente, quanto ao estilo, corrigindo apenas os erros ortográficos.

“Senhor,

“Há poucos dias, quando me falaram pela primeira vez de Espiritismo e de revelação de além-túmulo, ri e disse que isto não era possível; falava como ignorante que sou. Alguns dias depois tiveram a bondade de me confiar, na horrível posição em que me acho agora, vosso bom e excelente *O Livro dos Espíritos*. A princípio, li algumas páginas com incredulidade, não querendo, ou melhor, não crendo nessa ciência. Enfim, pouco a pouco e sem me dar conta, por ele tomei gosto; depois levei a coisa a sério; então reli pela segunda vez o vosso livro, desta vez com outro espírito, isto é, com calma e com toda a pouca inteligência que Deus me deu. Senti despertar essa velha fé que minha mãe me tinha posto no coração e que cochilava há bastante tempo; senti o desejo de me esclarecer sobre o Espiritismo. A partir desse momento tive um pensamento bem decidido, o de me esclarecer, aprender, ver e depois julgar. Pus-me à obra com toda a crença que se pode ter e que é preciso ter com Deus e seu poder; desejava ver a verdade; orei com fervor e comecei as experiências; as primeiras foram nulas, sem resultado algum.

“Não me desencorajei, perseverei em minhas experiências e, palavra de honra! renovei minhas preces, que talvez não fossem bastante fervorosas, e me entreguei ao trabalho com toda a convicção de uma alma crente e que espera. Ao cabo de algumas noites, pois só posso fazer experiências à noite, senti, por cerca de dez minutos, tremores nas pontas dos dedos e uma leve sensação no braço, como se tivesse sentido correr um pequeno regato de água morna, que parava no punho. Eu estava então inteiramente recolhido, todo atenção e cheio de fé. Meu lápis traçou algumas linhas perfeitamente legíveis, mas não bastante corretas para descrever que estivesse sob o peso de uma alucinação.

Esperei então com paciência a noite seguinte para recomeçar as experiências e, desta vez, agradei a Deus de todo o coração, por ter obtido mais do que ousava esperar.

“A partir de então, de duas em duas noites entretenho-me com os Espíritos, que são bastante bons para responderem ao meu apelo e, em menos de dez minutos, respondem sempre com caridade. Escrevo meias-páginas, páginas inteiras, que somente minha inteligência não poderia fazer, porquanto, muitas vezes, são tratados filosófico-religiosos em que jamais pensei e, com mais forte razão, jamais os pus em prática; porque dizia a mim mesmo aos primeiros resultados: Não serás juguete de uma alucinação, ou da tua vontade? E a reflexão e o exame me provavam que eu estava muito longe da inteligência que havia traçado aquelas linhas. Baixei a cabeça; acreditava e não podia ir contra a evidência, a menos que estivesse completamente louco.

“Remeti duas ou três entrevistas à pessoa que fizera a caridade de me confiar o vosso bom livro, para que ela sancione se estou certo. Venho pedir-vos, senhor, vós que sois a alma do Espiritismo, o obséquio de permitir vos envie o que obtiver de sério em minhas conversas de além-túmulo, desde que o julgueis acertado. Se isto vos for agradável, eu vos enviarei as conversas de Verger, que assassinou o Arcebispo de Paris. Para bem me assegurar se era ele mesmo quem se manifestava, evoquei São Luís, que me respondeu afirmativamente, bem como outro Espírito, no qual tenho muita confiança, etc.....”

As conseqüências morais deste fato se deduzem por si mesmas. Eis um homem que tinha abjurado toda crença e que, atingido pela lei, é confundido com a escória da sociedade; mas este homem, no meio desse lodo moral, voltou à fé; vê o abismo em que caiu, arrepende-se e ah! ora com mais fervor que muita gente que exhibe devoção. Para isto bastou a leitura de um livro, onde encontrou elementos de fé que a sua razão pôde admitir, que reavivaram as suas esperanças e lhe fizeram compreender o futuro.

Além disso, é de notar-se que, a princípio, leu com prevenção e sua incredulidade só foi vencida pelo ascendente da lógica. Se tais resultados são produzidos por uma simples leitura, a bem dizer feita às escondidas, o que seria se a ela se pudesse aliar a influência das exortações verbais! É bem certo que na disposição de espírito em que hoje se acham esses dois homens (ver o fato relatado no número de novembro último), não só não se queixarão durante a sua detenção, como retornarão ao mundo decididos a nele viverem honestamente.

Já que esses dois culpados puderam ser reconduzidos ao bem pela fé que hauriram no Espiritismo, é evidente que, se tivessem essa fé previamente, não teriam cometido o mal. É, pois, do interesse da sociedade a propagação de uma doutrina de tão grande poder moralizador. É o que se começa a compreender.

Uma outra consequência a tirar do fato que acabamos de narrar é que os Espíritos não são detidos pelos ferrolhos e que vão até o fundo das masmorras levar suas consolações. Assim, não está no poder de ninguém impedir que eles se manifestem de uma ou de outra maneira; se não for pela escrita, será pela audição. Eles afrontam todas as proibições, riem-se de todas as interdições, transpõem todos os cordões sanitários. Conseqüentemente, que barreiras podem opor-lhes os inimigos do Espiritismo?

Variedades

CURA DE UMA OBSESSÃO

O Sr. Dombre, presidente da Sociedade Espírita de Marmande, manda-nos o seguinte:

“Com o auxílio dos Espíritos bons, em cinco dias livramos de uma obsessão muito violenta e perigosa uma mocinha de treze anos, em completo poder de um Espírito mau, desde 8 de

maio último. Diariamente, às cinco horas da tarde, sem falhar um só dia, ela tinha crises terríveis, de causar piedade. Esta menina reside num bairro afastado e os pais, que consideravam a doença como epilepsia, nem mesmo falavam do caso. Todavia, um dos nossos, que mora nas vizinhanças, foi informado e uma observação mais atenta dos fatos o levou a reconhecer facilmente a verdadeira causa. Seguindo o conselho de nossos guias espirituais, imediatamente nos pusemos à obra. A 11 deste mês, às oito horas da noite, começaram nossas reuniões com vistas a evocar o Espírito, moralizá-lo, orar pelo obsessor e pela vítima e a exercer sobre esta uma magnetização mental. As reuniões ocorriam todas as noites e na sexta-feira, 15, a menina sofreu a última crise. Não lhe resta senão a fraqueza da convalescença, conseqüência de tão longas e tão violentas convulsões, e que se manifesta pela tristeza, pela languidez e pelas lágrimas, como nos havia sido anunciado. Éramos informados diariamente, pelas comunicações dos Espíritos bons, das diversas fases da moléstia.

“Essa cura, encarada noutros tempos como milagre, por uns, e como feitiçaria, por outros, pelo qual, segundo a opinião, teríamos sido santificados ou queimados, produziu certa sensação na cidade.”

Cumprimentamos os nossos irmãos de Marmande pelo resultado que obtiveram naquela circunstância e sentimo-nos felizes ao ver que aproveitam os conselhos contidos na *Revista*, a propósito de casos análogos relatados ultimamente. Assim, puderam convencer-se da força da ação coletiva, quando dirigida por uma fé sincera e uma ardente caridade.

MANIFESTAÇÕES DE POITIERS

O *Journal de la Vienne*, de 21 de janeiro, narra o seguinte fato, que outras folhas reproduziram:

“Há cinco ou seis dias dá-se um fato de tal modo extraordinário na cidade de Poitiers, que se tornou assunto de

conversas e dos mais estranhos comentários. Todas as noites, a partir das seis horas, ruídos singulares são ouvidos numa casa da Rua Neuve-Saint-Paul, habitada pela senhorita de O..., irmã do Sr. conde de O... Segundo nos contaram, esses ruídos fazem o efeito de disparos de artilharia; violentos golpes parecem desferidos nas portas e postigos. A princípio atribuíram-lhe a causa a algumas brincadeiras de gaiatos ou de vizinhos mal-intencionados. Foi organizada uma vigilância das mais ativas. Ante a queixa da Srta. de O..., a polícia tomou as mais minuciosas medidas: agentes foram emboscados no interior e no exterior da casa. Não obstante, produziram-se as explosões e sabemos, de fonte segura, que um tal M..., marinheiro, durante a penúltima noite foi tomado de tal comoção que até hoje ainda não recobrou a consciência.

“Nossa cidade inteira se preocupa com esse inexplicável mistério. Os inquéritos até hoje feitos pela polícia não levaram a nenhum resultado. Cada um procura a chave deste enigma. Algumas pessoas iniciadas no estudo do Espiritismo pretendem que os Espíritos batedores são os autores de tais manifestações, às quais não seria estranho um famoso médium, que, no entanto, já não reside no bairro. Outros lembram que outrora existia um cemitério na Rua Neuve-Saint-Paul, e não precisamos dizer a que conjecturas se entregam a esse respeito.

“De todas essas explicações, não sabemos qual a melhor. A verdade é que a opinião está muito excitada com o caso e ontem à noite uma multidão considerável se havia reunido sob as janelas da casa de O..., obrigando a autoridade a requerer um piquete do 10^o batalhão de caçadores, para evacuar a rua. No momento em que escrevemos, a polícia e a guarda ocupam a casa.”

O relato desses fatos nos foi transmitido por várias correspondências particulares. Embora nada tenham de mais estranho que os fatos comprovados de manifestações ocorridas em diversas épocas e estejam nos limites do possível, convém

suspender o julgamento até mais ampla constatação, não do fato, mas da causa, pois não se deve imputar aos Espíritos tudo aquilo que não se compreende. Também é preciso desconfiar das manobras dos inimigos do Espiritismo e das armadilhas que podem estender, para tentar levá-lo ao ridículo pela excessiva credulidade de seus adeptos. Vemos com satisfação que os espíritas de Poitiers, nisto seguindo os conselhos contidos em *O Livro dos Médiuns*, e as advertências que temos feito na *Revista*, mantêm-se, até segunda ordem, numa prudente reserva. Se for uma manifestação, será provada pela ausência de toda causa material; se for uma charlatanice, os autores, como já fizeram tantas vezes, terão contribuído, sem o querer, para despertar a atenção dos indiferentes e provocar o estudo do Espiritismo. Quando fatos análogos se multiplicarem por todos os lados, como é anunciado, e quando em vão buscarem a causa neste mundo, haverão de convir que está no outro. Em qualquer circunstância os Espíritos provam sabedoria e moderação; é a melhor resposta a dar aos adversários.

Dissertações Espíritas

NECESSIDADE DA ENCARNAÇÃO

(Sociedade Espírita de Sens – Médiun: Sr. Percheron)

Quis Deus que o Espírito do homem fosse ligado à matéria para sofrer as vicissitudes do corpo, com o qual se identifica a ponto de iludir-se e de o tomar por si mesmo, quando não passa de sua prisão passageira; é como se um prisioneiro se confundisse com as paredes da cela. Os materialistas são muito cegos por não perceberem seu erro, porquanto, se quisessem refletir um pouco seriamente, veriam que não é pela matéria do corpo que se podem manifestar; concluiriam que, desde que a matéria desse corpo se renova continuamente, como a água de um rio, não é senão pelo Espírito que podem saber que são sempre eles mesmos.

Suponhamos que o corpo de um homem que pesasse sessenta quilos assimile, para a reparação de suas forças, um quilo de nova substância por dia, a fim de substituir a mesma quantidade de antigas moléculas de que se separa e que cumpriram o papel que deviam desempenhar na composição de seus órgãos; assim, ao cabo de sessenta dias a matéria desse corpo estaria renovada. Nesta hipótese, cujos números podem ser contestados, mas verdadeira em princípio, a matéria do corpo renovar-se-ia seis vezes por ano; portanto, o corpo de um homem de vinte anos já se teria renovado cem vezes; aos quarenta, duzentas e quarenta vezes; aos oitenta, quatrocentas e oitenta vezes. Mas o vosso Espírito se terá renovado? Não, pois tendes consciência de que sois sempre vós mesmos. É, pois, o vosso Espírito que constitui o vosso *eu*, e segundo o qual vós vos manifestais, e não o vosso corpo, que não passa de matéria efêmera e mutável.

Os materialistas e os panteístas dizem que as moléculas desagregadas depois da morte do corpo retornam à massa comum de seus elementos primitivos, o mesmo se dando com a alma, isto é, com o ser que pensa em vós; mas que sabem eles disso? Há uma massa comum de substância que pensa? Jamais o demonstraram, e é o que deveriam ter feito antes de afirmar. Da parte deles não passa de uma hipótese. Ora, se durante a vida do corpo as moléculas se desagregam centenas de vezes, não obstante o Espírito seja sempre o mesmo e conserve a consciência de sua individualidade, não é mais lógico supor que a natureza do Espírito não é passível de desagregar-se? Por que, então, se dissolveria após a morte do corpo, e não antes?

Após esta digressão, dirigida aos materialistas, volto ao meu assunto. Se Deus quis que suas criaturas espirituais fossem momentaneamente unidas à matéria, é, repito, para as fazer sentir e, a bem dizer, para que sofressem as necessidades que a matéria exige de seus corpos, no que respeita ao seu sustento e conservação. Dessas necessidades nascem as vicissitudes que vos

fazem sentir o sofrimento e compreender a comiserção que deveis ter por vossos irmãos na mesma posição. Esse estado transitório é, pois, necessário ao adiantamento do vosso Espírito, que, sem isto, ficaria estagnado. As necessidades que o corpo vos faz experimentar estimulam os vossos Espíritos e os forçam a buscar os meios de as prover; desse trabalho forçado nasce o desenvolvimento do pensamento. Constrangido a presidir aos movimentos do corpo para os dirigir, visando a sua conservação, o Espírito é conduzido ao trabalho material e daí ao trabalho intelectual, necessários um ao outro, pois a realização das concepções do Espírito exige o trabalho do corpo e este não pode ser feito senão sob a direção e o impulso do Espírito. Tendo assim o Espírito adquirido o hábito de trabalhar, e a ele constrangido pelas necessidades do corpo, o trabalho, por sua vez, se lhe torna uma necessidade; e quando, desprendido de seus laços, não tem mais de pensar na matéria, pensa em trabalhar em si mesmo para o seu adiantamento.

Agora compreendeis a necessidade para o vosso Espírito de estar ligado à matéria durante uma parte de sua existência, para não ficar estacionário.

Ten pai,

Percheron, assistido pelo Espírito Pascal

Observação – A estas observações, perfeitamente justas, acrescentaremos que, trabalhando para si mesmo, o Espírito encarnado trabalha para a melhoria do mundo em que habita, assim ajudando a sua transformação e o seu progresso material, que estão nos desígnios de Deus, de quem é o instrumento inteligente. Na sua sabedoria providente, quis a Providência que tudo se encadeasse na Natureza; que, todos, homens e coisas, fossem solidários. Depois, quando o Espírito houver realizado a sua tarefa e estiver suficientemente adiantado, gozará do fruto de suas obras.

ESTUDOS SOBRE A REENCARNAÇÃO

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Srta. A. C.)

I

Limites da reencarnação

A reencarnação é necessária enquanto a matéria domina o Espírito. Mas, desde que o Espírito encarnado chegou a dominar a matéria e a anular os efeitos de sua reação sobre o moral, a reencarnação não tem mais nenhuma utilidade nem razão de ser. Com efeito, o corpo é necessário ao Espírito para o trabalho progressivo até que, tendo chegado a manejar este instrumento à vontade, a lhe imprimir sua vontade, o trabalho esteja realizado. Então lhe é necessário outro campo para a sua marcha, ao seu adiantamento para o infinito; é-lhe necessário um outro círculo de estudos, onde a matéria grosseira das esferas inferiores seja desconhecida. Tendo se depurado e experimentado suas sensações, na Terra ou em globos análogos, está maduro para a vida espiritual e seus estudos. Havendo-se elevado acima de todas as sensações corporais, não mais tem nenhum desses desejos ou necessidades inerentes à corporeidade: é Espírito e vive pelas sensações espirituais, que são infinitamente mais deliciosas do que as mais agradáveis sensações corporais.

II

A reencarnação e as aspirações do homem

As aspirações da alma conduzem à sua realização, e esta realização se cumpre na reencarnação, enquanto o Espírito está no trabalho material. Explico-me. Tomemos o Espírito em seus primórdios na carreira humana: estúpido e bruto, sente, contudo, a chama divina em si, pois que adora um Deus, que materializa consoante a sua materialidade. Nesse ser, ainda vizinho do animal, há uma aspiração instintiva, quase inconsciente, para um estado menos inferior. Começa por desejar satisfazer seus apetites materiais e inveja os que vê num estado melhor que o seu; assim,

numa encarnação seguinte, ele mesmo escolhe, ou, antes, é *arrastado* a um corpo mais aperfeiçoado; e sempre, em cada uma de suas existências, deseja um melhoramento material; jamais se sentindo satisfeito, quer subir sempre, porque a aspiração à felicidade é a grande alavanca do progresso.

À medida que as sensações corporais se tornam maiores, mais aperfeiçoadas, suas sensações espirituais também despertam e crescem. Então começa o trabalho moral e a depuração da alma se une à aspiração do corpo para chegar ao estado superior.

Esse estado de igualdade de aspirações materiais e espirituais não é de longa duração; logo o Espírito se eleva acima da matéria e suas sensações não mais podem ser satisfeitas por ela; necessita mais; precisa de melhor; mas aí, tendo sido o corpo levado à perfeição sensitiva, não pode acompanhar o Espírito que, então, o domina e dele se desprende cada vez mais, como de um instrumento inútil; direciona todos os seus desejos, todas as suas aspirações para um estado superior; sente que as necessidades corporais que lhe eram um motivo de felicidade em suas satisfações, não são mais que um estorvo, um aviltamento, uma triste necessidade, da qual aspira libertar-se para gozar, sem entraves, de todas as venturas espirituais que presente.

III

Ação dos fluidos na reencarnação

Sendo os fluidos os agentes que movimentam o nosso aparelho corporal, também são eles os elementos de nossas aspirações, pois há fluidos corporais e fluidos espirituais, tendendo todos a elevar-se e a unir-se a fluidos da mesma natureza. Esses fluidos compõem o corpo espiritual do Espírito que, na condição de encarnado, age por meio deles sobre a máquina humana que lhe compete aperfeiçoar, pois tudo é trabalho na Criação, tudo concorre para o progresso geral.

O Espírito tem livre-arbítrio, e sempre busca o que lhe é agradável e o satisfaz. Se for um Espírito inferior e material, procura suas satisfações na materialidade e, então, dará impulso aos seus fluidos corporais, que dominarão, mas tenderão sempre a crescer e elevar-se materialmente. Assim, as aspirações desses encarnados serão materiais e, voltando à condição de Espírito, buscará nova encarnação, em que satisfará suas necessidades e desejos materiais; porque, notai bem, a aspiração corporal não pode pedir, como realização, senão uma nova corporeidade, ao passo que a aspiração espiritual não se prende senão às sensações do Espírito. A isto será solicitado por seus fluidos, que deixam que se materializassem; e como no ato da reencarnação os fluidos agem para atrair o Espírito no corpo que foi formado, havendo, portanto, atração e união dos fluidos, a reencarnação se opera em condições que darão satisfação às aspirações de sua existência precedente.

Há fluidos espirituais como fluidos materiais, se estes dominarem; mas, então quando o espiritual sobreleva o material, o Espírito, que julga de modo diferente, escolhe ou é atraído por simpatias diferentes; como necessita de depuração e a esta só chega pelo trabalho, as encarnações escolhidas lhe são mais penosas porque, depois de haver dado supremacia à matéria e a seus fluidos, deve constrangê-la, lutar contra ela e dominá-la. Daí essas existências tão dolorosas e que, muitas vezes, parecem injustamente infligidas a Espíritos bons e inteligentes. Estes fazem sua última etapa corporal e entram, ao sair deste mundo, nas esferas superiores, onde suas aspirações *superiores* encontrarão a sua realização.

IV

As afeições terrenas e a reencarnação

O dogma da reencarnação *indefinida* encontra oposições no coração do encarnado que ama, porquanto, em presença dessa infinidade de existências, produzindo novos laços em cada uma delas, ele pergunta com assombro em que se tornam as afeições particulares, e se estas não se fundem num único amor geral, o que

destruiria a persistência da afeição individual. Ele se pergunta se esta afeição individual não é apenas um meio de adiantamento e então o desânimo se insinua em sua alma, porque a verdadeira afeição experimenta a necessidade de um amor eterno, sentindo que ela não se cansará jamais de amar. O pensamento desses milhares de afeições idênticas lhe parece uma impossibilidade, mesmo admitindo faculdades maiores para o amor.

O encarnado que estuda seriamente o Espiritismo, sem idéia preconcebida para um sistema, de preferência a outro, sente-se arrastado à reencarnação pela justiça que resulta do progresso e do avanço do Espírito em cada nova existência; mas quando o estuda do ponto de vista das afeições do coração, duvida e se assusta, mau grado seu. Não podendo pôr de acordo esses dois sentimentos, diz a si mesmo que aí ainda há um véu a levantar e seu pensamento em trabalho atrai as luzes dos Espíritos para conciliar o coração com a razão.

Já o disse antes: a encarnação pára onde a materialidade é anulada. Mostrei como o progresso material a princípio havia aperfeiçoado as sensações corporais do Espírito encarnado; como o progresso espiritual, vindo a seguir, tinha contrabalançado a influência da matéria, subordinando-a enfim à sua vontade e que, chegado a esse grau de domínio espiritual, a corporeidade perdera sua razão de ser, pois o trabalho estava realizado.

Examinemos agora a questão da afeição sob os seus dois aspectos, material e espiritual.

Antes de tudo, o que é a afeição, o amor? Ainda a atração fluídica, atraindo um ser para outro, unindo-os num mesmo sentimento. Essa atração pode ser de duas naturezas diferentes, já que os fluidos são de duas naturezas. Mas para que a afeição persista eternamente, é preciso que seja espiritual e desinteressada; são precisos abnegação, devotamento e que nenhum sentimento pessoal seja o móvel deste arrastamento simpático. Desde que

nesse sentimento haja *personalidade*, há *materialidade*. Ora, nenhuma afeição material persiste nos domínios do Espírito. Desse modo, toda afeição que não resulta senão do instinto animal ou do egoísmo, se destrói com a morte terrestre; é assim que seres que se dizem amados são esquecidos após pouco tempo de separação! Vós os amastes por vós, e não por eles, que não existem mais, pois os esquecestes e os substituístes; procurastes consolo no esquecimento; eles se vos tornam indiferentes, porque não tendes mais amor.

Contemplai a Humanidade e vede quão poucas são as afeições verdadeiras na Terra! Assim, não se devem admirar tanto da multiplicidade das afeições aí contraídas. São em minoria relativa, mas existem, e as que são reais persistem e se perpetuam sob todas as formas, primeiro na Terra, depois continuam no estado de Espírito, numa amizade ou num amor inalterável, que só faz crescer e se elevar cada vez mais.

Vamos estudar esta verdadeira afeição: *a afeição espiritual*.

A afeição espiritual tem por base a afinidade fluídica espiritual que, atuando *só*, determina a simpatia. Quando é assim, é a alma que ama a alma e essa afeição só toma força pela manifestação dos sentimentos da alma. Dois Espíritos unidos espiritualmente se buscam e tendem sempre a aproximar-se; seus fluidos são atrativos. Se estiverem num mesmo globo, serão impelidos um para o outro; se separados pela morte terrena, seus pensamentos se unirão na lembrança e a reunião far-se-á na liberdade do sono; e quando a hora de uma nova encarnação soar para um deles, procurará aproximar-se de seu amigo, entrando no que é a sua filiação material, e o fará com tanto mais facilidade quanto seus fluidos *perispirituais materiais* encontrarão afinidades na matéria corporal dos encarnados que deram à luz o novo ser. Daí um novo aumento de afeição, uma nova manifestação de amor. Tal Espírito amigo que vos amou como pai, vos amará como filho, como irmão ou como amigo, e cada um desses laços aumentará de

encarnação em encarnação e se perpetuará de maneira inalterável quando, realizado o vosso trabalho, viverdes a vida do Espírito.

Mas esta verdadeira afeição não é comum na Terra e a matéria a vem retardar, anular-lhe os efeitos, conforme domine o Espírito. A verdadeira amizade, o verdadeiro amor, sendo espiritual, tudo que se refere à matéria não é de sua natureza e em nada concorre para a identificação material. A afinidade persiste, mas fica em estado latente até que, triunfando o fluido espiritual, o progresso simpático se efetue novamente.

Em síntese, a afeição espiritual é a única resistente no domínio do Espírito. Na Terra e nas esferas do trabalho corporal, concorre para o avanço moral do Espírito encarnado que, sob a influência simpática, realiza milagres de abnegação e de devotamento aos seres amados. Aqui, nas moradas celestes, ela é a completa satisfação de todas as aspirações e a maior felicidade que o Espírito possa desfrutar.

V

O progresso entravado pela reencarnação indefinida

Até aqui a reencarnação tem sido admitida de maneira muito prolongada; não se pensou que esse prolongamento da corporeidade, embora cada vez menos material, acarretava necessidades que deviam atrasar o progresso do Espírito. Com efeito, admitindo a persistência da geração nos mundos superiores, se atribuem ao Espírito encarnado necessidades corporais, dão-lhe deveres e ocupações ainda materiais, que o sujeitam e detêm o impulso dos estudos espirituais. Qual a necessidade desses entraves? Não pode o Espírito gozar das alegrias do amor sem sofrer as enfermidades corporais? Mesmo na Terra, esse sentimento existe por si mesmo, independente da parte material do nosso ser; por mais raros que sejam, há exemplos suficientes para provar que deve ser sentido, de modo mais geral, entre os seres mais espiritualizados.

A reencarnação proporciona a união dos corpos; o *amor puro*, apenas a união das almas. Os Espíritos se unem segundo afeições iniciadas em mundos inferiores, e trabalham juntos por seu progresso espiritual. Têm uma organização fluídica totalmente diferente da que era conseqüência de seu aparelho corporal, e seus trabalhos se exercem sobre os fluidos, e não sobre os objetos materiais. Vão a esferas que, também, realizaram seu período material e cujo trabalho humano ensejou a desmaterialização, esferas que, chegadas ao apogeu de seu aperfeiçoamento, também passaram por uma transformação superior que as torna apropriadas a experimentar outras modificações, mas num sentido inteiramente fluídico.

Agora compreendeis a imensa força do fluido, força que mal podeis constatar, mas que não vedes nem apalpais. Num estado menos pesado ao em que estais, tereis outros meios de ver, tocar, trabalhar esse fluido, que é o grande agente da vida universal. Por que, então, o Espírito ainda teria necessidade de um corpo para um trabalho que está fora das apreciações corporais? Dir-me-eis que esse corpo estará em relação com os novos trabalhos que o Espírito deverá realizar; mas, levando-se em conta que esses trabalhos serão completamente fluídicos e espirituais nas esferas superiores, por que lhe dar o embaraço das necessidades corporais, uma vez que a reencarnação determina sempre, como já disse, *geração e alimentação*, isto é, necessidades da matéria a satisfazer e, em contrapartida, entraves para o Espírito? Compreendei que o Espírito deve ser livre em seu vôo para o infinito; compreendei que, tendo saído das fraldas da matéria, aspira, como a criança, a marchar e a correr sem ser detido pelo zelo materno, e que essas *primeiras* necessidades da *primeira* educação da criança são supérfluas para a criança crescida, e insuportáveis para o adolescente. Não desejeis, pois, ficar na infância; olhai-vos como alunos que fazem os últimos estudos escolares e se dispõem a entrar no mundo, a nele ter a sua posição e a começar trabalhos de outro gênero, que seus estudos preliminares terão facilitado.

O Espiritismo é a alavanca que, de um salto, erguerá ao estado espiritual todo encarnado que, querendo bem compreendê-lo e o pôr em prática, se empenhará em dominar a matéria, a tornar-se seu senhor, a aniquilá-la; todo Espírito de boa vontade pode pôr-se em condição de passar, ao deixar este mundo, para um estado espiritual sem retorno terrestre. Falta-lhe apenas fé ou *vontade ativa*. O Espiritismo a oferece a *todos* os que o quiserem compreender em seu sentido moralizador.

Um Espírito protetor do médium

Observação – Esta comunicação não traz outra assinatura, o que prova que não é necessário ter tido um nome célebre na Terra para ditar boas coisas.

É de notar-se a analogia existente entre a comunicação de Sens, transcrita mais acima, e a primeira parte desta. Sem dúvida esta última é mais desenvolvida, mas a idéia fundamental sobre a necessidade da encarnação é a mesma. Citamos ambas para mostrar que os grandes princípios da doutrina são ensinados em toda parte e que é assim que se constituirá e se consolidará a unidade do Espiritismo. Essa concordância é o melhor critério da verdade. Ora, não passa despercebido que as teorias excêntricas e sistemáticas, ditadas por Espíritos pseudo-sábios são sempre circunscritas a um círculo estreito e individual, razão por que nenhuma prevaleceu, e também porque não são de temer, pois só têm uma existência efêmera, que se apaga como uma fraca luz ante a claridade do dia.

Quanto à última comunicação, seria supérfluo ressaltar seu alto alcance, como fundo e como forma. Pode resumir-se assim:

A vida do Espírito, considerada do ponto de vista do progresso, apresenta três períodos principais, a saber:

1^o – *Período material*, no qual a influência da matéria domina a do Espírito. É o estado dos homens que se entregam às

paixões brutais e carnisais, à sensualidade; cujas aspirações são exclusivamente terrestres, ligados aos bens temporais, ou refratários às idéias espirituais;

2º – *Período de equilíbrio*, no qual as influências da matéria e do Espírito se exercem simultaneamente; em que o homem, embora submetido às necessidades materiais, pressente e compreende o estado espiritual; em que trabalha para sair do estado corporal;

Nesses dois períodos o Espírito está sujeito à reencarnação, que se realiza nos mundos inferiores e médios.

3º – *Período espiritual*, no qual tendo o Espírito dominado completamente a matéria, não mais necessita da encarnação, nem do trabalho material, pois seu trabalho é inteiramente espiritual; é o estado dos Espíritos nos mundos superiores.

A facilidade com que certas pessoas aceitam as idéias espíritas, das quais, parece, têm a intuição, indica que pertencem ao segundo período; mas entre este e os outros há uma multidão de graus que o Espírito transpõe tanto mais rapidamente quanto mais próximo do período espiritual. É assim que, de um mundo material como a Terra, pode ir habitar um mundo superior, como Júpiter, por exemplo, se seu avanço moral e espiritual for suficiente para o dispensar de passar pelos graus intermediários. Depende, pois, do homem deixar a Terra sem retorno, como mundo de expiação e prova para ele, ou a ela não voltar senão em missão.

Notas Bibliográficas

REVISTA ESPÍRITA DE ANTUÉRPIA

Sob este título um novo órgão do Espiritismo acaba de surgir em Antuérpia, a partir de 1º de janeiro de 1864. Sabe-se que

a Doutrina Espírita fez rápidos progressos nessa cidade, onde se formaram numerosas reuniões, compostas de homens eminentes pelo saber e pela posição social. Em Bruxelas, por mais tempo refratária, a idéia nova também ganha terreno, como em outras cidades da Bélgica. Uma sociedade espírita, formada recentemente, houve por bem pedir-nos que aceitássemos a presidência de honra; é dizer em que caminho ela se propõe andar.

O primeiro número da nova *Revista* contém: um apelo aos espíritas de Antuérpia, dois artigos de fundo, um sobre *os adversários do Espiritismo*, outro sobre *o Espiritismo e a loucura*; e um certo número de comunicações mediúnicas, algumas das quais em língua flamenga, e tudo, temos satisfação de dizer, em perfeita conformidade de vista e de princípios com a Sociedade de Paris. Essa publicação não pode deixar de ser acolhida favoravelmente num país onde as idéias novas têm uma tendência manifesta a se propagarem se, como esperamos, se mantiver à altura da ciência, condição essencial do sucesso.

O Espiritismo cresce e diariamente vê novos horizontes se abrirem à sua frente, aprofundando questões que, em sua origem, apenas tinham aflorado. Conformando-se com o desenvolvimento das idéias, os Espíritos têm, por toda parte, em suas instruções, seguido esse movimento ascensional; ao lado das produções mediúnicas de hoje, as de outrora são pálidas e quase pueris, embora, então, fossem consideradas magníficas; há entre elas a diferença do ensino dado a escolares e a adultos; é que, à medida que o homem cresce, sua inteligência, como o seu corpo, exige alimento mais substancial. Toda publicação espírita, periódica ou não, que ficasse na retaguarda do movimento, necessariamente encontraria pouca simpatia e seria ilusão imaginar os leitores de hoje interessados por coisas elementares ou medíocres; por melhor que seja a intenção, toda recomendação seria impotente para lhes dar vida, se não a têm por si mesmas.

Para publicações deste gênero há outra condição de sucesso, ainda mais importante: a de marchar com a opinião da maioria. Na origem das manifestações espíritas, as idéias, ainda não fixadas pela experiência, provocaram muitas opiniões divergentes, que caíram perante observações mais completas, ou só contam com raros representantes. Sabe-se a que bandeira e a que princípios está hoje ligada a imensa maioria dos espíritas do mundo inteiro. Tornar-se eco de algumas opiniões atrasadas, ou seguir um atalho, é condenar-se previamente ao isolamento e ao abandono. Os que o fizerem de boa-fé são dignos de lástima; os que agirem com intenção premeditada de interpor obstáculos e semear a divisão, só colherão vergonha. Nem uns, nem outros, podem ser encorajados por aqueles que defendem de coração os verdadeiros interesses do Espiritismo.

Quanto a nós, pessoalmente, e à Sociedade de Paris, nossas simpatias e nosso apoio moral, como se sabe, são conquistados antecipadamente por todas as publicações, como por todas as reuniões, que forem úteis à causa que defendemos.

RECONHECEMO-NOS NO CÉU

Pelo Rev. padre Blot, da Companhia de Jesus¹

Um dos nossos correspondentes, o Dr. C..., nos indica este opúsculo e escreve o que se segue:

“Desde algum tempo, palavras que, como cristão e espírita, eu me abstenho de qualificar, têm sido pronunciadas muitas vezes por homens que receberam a missão de falar aos povos sobre caridade e misericórdia. Permitti-me, para suavizar as penosas impressões que elas vos devem ter causado, como a todo

1 Paris, 1863. 1 vol. pequeno in-18. – Preço: 1 fr. Livraria Poussielgue-Rusand, rue Cassette, no 27.

homem verdadeiramente cristão, que vos fale de um livrinho do Rev. padre Blot. Não penso que seja espírita, mas encontrei em sua obra o que, no Espiritismo, faz amar a Deus e esperar em sua misericórdia, além de diversas passagens que tocam muito de perto o que ensinam os Espíritos.”

Nele destacamos as passagens seguintes, que confirmam a opinião do nosso correspondente:

“No sétimo século, o papa São Gregório, o Grande, depois de haver contado que um religioso vira, ao morrer, os profetas vindo à sua frente, inclusive designando seus nomes, acrescentou: ‘Este exemplo nos faz compreender claramente quão grande será o conhecimento que teremos uns dos outros na vida incorruptível do céu, pois esse religioso, mesmo numa carne corruptível, reconheceu os santos profetas, que jamais tinha visto.’

“Os santos se vêem reciprocamente, como o exigem a unidade do reino e a unidade da cidade onde vivem, em companhia do próprio Deus. Revelam espontaneamente uns aos outros os seus pensamentos e afeições, como as pessoas de uma mesma casa, unidas por sincero amor. Entre os seus concidadãos do céu, conhecem até os que não conheceram na Terra, e o conhecimento das belas ações os leva a um conhecimento mais completo daqueles que as realizaram (Berti, *De theologis disciplinis*).

“Perdestes um filho, uma filha? recebei os consolos que um patriarca de Constantinopla dirigia a um pai desolado. Esse patriarca não pode mais ser contado entre os grandes homens, nem entre os santos: é Fócio, o autor do cisma cruel que separa o Oriente e o Ocidente, mas suas palavras apenas provam que, sobre este ponto, os gregos pensam como os latinos. Ei-las: Se vossa filha vos aparecesse; se, pondo as suas mãos nas vossas e sua fronte jovial em vossa fronte, ela vos falasse, não faria a descrição do céu? Depois acrescentaria: Por que vos afligir, ó meu pai? estou no paraíso, onde a felicidade não tem limites. Vireis um dia com minha

mãe bem-amada e então constatareis que eu não disse demais deste lugar de delícias, pois a realidade está além de minhas palavras.”

Os Espíritos bons podem, pois, manifestar-se, ser vistos, tocar os vivos, falar com eles, descrever sua própria situação, vir consolar e fortificar os que amaram. Se podem falar e tomar a mão, por que não poderiam escrever? “Os gregos – diz o padre Blot – sobre este ponto pensam como os latinos.” Por que, então, hoje os latinos dizem que esse poder só é dado aos demônios para enganar os homens? A passagem seguinte é ainda mais explícita:

“São João Crisóstomo, numa de suas homilias sobre São Mateus, dizia a cada um de seus ouvintes: Desejais ver aquele que a morte vos levou? Levai a mesma vida que ele no caminho da virtude e em breve gozareis esta santa visão. Mas quereis vê-lo aqui mesmo? Oh! quem vo-lo impede? Isto vos é permitido e é fácil vê-lo, se fordes ajuizados; porque a esperança dos bens futuros é mais clara que a própria vista.”

O homem carnal não pode ver o que é puramente espiritual. Se, pois, pode ver os Espíritos, é que eles têm uma parte material, acessível aos seus sentidos; é o envoltório fluídico, que o Espiritismo designa sob o nome de perispírito.

Após uma citação de Dante sobre o estado dos bem-aventurados, o padre Blot acrescenta:

“Eis, pois, o princípio de solução para as objeções: No céu, *que é menos um lugar que um estado*, tudo é luz, tudo é amor.”

Assim, o céu não é um lugar circunscrito; é o estado das almas ditosas; por toda a parte onde forem felizes, estarão no céu, isto é, para elas tudo é luz, amor e inteligência. É o que dizem os Espíritos.

Fénelon, quando da morte do duque de Beauvilliers, seu amigo, escreveu à duquesa: “Não, só os sentidos e a imaginação

perderam o objetivo. Aquele que não podemos mais ver está, mais que nunca, conosco. Encontramo-lo sem cessar em nosso centro comum. Ele aí nos vê e nos proporciona verdadeiros socorros. Aí conhece melhor que nós as nossas enfermidades, ele que não mais tem as suas; e pede os remédios necessários à nossa cura. Para mim, que estava privado de o ver há tantos anos, eu lhe falo, eu lhe abro o meu coração.”

Fénelon ainda escrevia à viúva do duque de Chevreuse: “Unamo-nos de coração àquele a quem lamentamos; ele não se afastou de nós ao se tornar invisível; ele nos vê, nos ama, é tocado por nossas necessidades. Chegado felizmente ao porto, ora por nós que ainda estamos expostos ao naufrágio. Diz-nos com uma voz secreta: “Apressai-vos ao nosso encontro. Os Espíritos puros vêem, ouvem, amam sempre os verdadeiros amigos no seu centro comum. Sua amizade é imortal como sua fonte. Os incrédulos só amam a si mesmos; deveriam desesperar-se de perder os amigos para sempre; mas a amizade divina muda a sociedade visível numa sociedade de pura fé; ela chora, mas chorando, consola-se pela esperança de juntar-se a seus amigos no país da verdade e no seio do próprio amor.”

Para justificar o título de seu livro: *Reconhecemo-nos no céu*, o padre Blot cita grande número de passagens de escritores sacros, de aparições e de manifestações diversas, que provam a reunião, depois da morte, daqueles que se amaram, as relações existentes entre os mortos e os vivos, os auxílios que prestam *mutuamente* pela prece e pela inspiração. Em parte alguma fala da separação eterna, conseqüência da danação eterna, nem dos diabos, nem do inferno; ao contrário, mostra as almas mais sofredoras libertadas pela virtude do arrependimento e da prece, e pela misericórdia de Deus. Se o padre Blot lançasse anátema contra o Espiritismo, seria lançá-lo contra o seu próprio livro e contra todos os santos, cujo testemunho invoca. Sejam quais forem suas opiniões a esse respeito, diremos que se não o tivessem pregado senão nesse sentido, haveria menos incrédulos.

A LENDA DO HOMEM ETERNO

Pelo Sr. Armand Durantin²

O Espiritismo conquistou o seu lugar entre as crenças; se para alguns escritores é motivo de chacota, é de notar que entre os próprios que outrora o ridicularizavam, a zombaria baixou de tom diante do ascendente da opinião das massas, limitando-se a citar, sem comentários, ou com restrições mais comedidas, os fatos que a ele se referem. Outros, sem nele crer positivamente, e mesmo sem o conhecer a fundo, julgam a idéia muito importante para a transformarem em assunto de trabalhos de imaginação e de fantasia. Tal é, ao que nos parece, o caso da obra de que falamos. É um simples romance, baseado na crença espírita, apresentada do ponto de vista sério, mas ao qual podemos censurar alguns erros, oriundos, sem dúvida, de um estudo incompleto da matéria. O autor que quiser fantasiar um assunto histórico deve, antes de tudo, bem se penetrar da verdade do fato, a fim de não ficar à margem da História. Assim deverão fazer todos os escritores que quiserem tirar proveito da idéia espírita, seja para não serem acusados de ignorância do que falam, seja para conquistarem a simpatia dos adeptos, hoje bastante numerosos para pesar na balança da opinião e concorrer para o sucesso de toda obra que, direta ou indiretamente, diga respeito às suas crenças.

Feita esta reserva do ponto de vista da perfeita ortodoxia, a obra em questão não será menos lida com muito interesse pelos partidários, como pelos adversários do Espiritismo, e agradecemos ao autor a graciosa homenagem que houve por bem fazer-nos de seu livro, chamado a popularizar a idéia nova. Citaremos as passagens seguintes, que tratam mais especialmente da doutrina.

“À época em que o Sr. Boursonne (uma das principais personagens do romance) tinha perdido a esposa, uma doutrina

2 Um vol. in-12. Preço: 3 francos. Casa Dentu e na Livraria Central, boulevard des Italiens, n.º 24.

mística espalhava-se secretamente, lentamente, propagando-se na sombra. Contava ainda poucos adeptos, mas não aspirava nada menos a substituir os vários cultos cristãos. Para tornar-se uma religião poderosa só lhe falta a perseguição.

“Esta religião é o Espiritismo, tão eloqüentemente exposto pelo Sr. Allan Kardec em sua notável obra *O Livro dos Espíritos*. Um de seus mais convictos adeptos era o conde de Boursonne.

“Acrescentarei apenas algumas palavras sobre essa doutrina, a fim de que os incrédulos compreendam que o misterioso poder do conde era absolutamente natural.

“Os espíritas reconhecem Deus e a imortalidade da alma. Crêem que a Terra lhes é um lugar de transição e de provação. Segundo eles, a alma é inicialmente colocada por Deus num planeta de ordem inferior. Aí fica encerrada num corpo mais ou menos grosseiro, até tornar-se bastante depurada para emigrar para um mundo superior. É assim que, após longas migrações e numerosas provações, as almas chegam, enfim, à perfeição e são admitidas no seio de Deus. Depende, pois, do homem abreviar suas peregrinações e chegar mais prontamente junto do Senhor, melhorando rapidamente.

É uma crença do Espiritismo, crença tocante, que as almas mais perfeitas podem entreter-se com os Espíritos. Assim, segundo os espíritas, podemos conversar com os seres amados que perdemos, se nossa alma for bastante aperfeiçoada para os ouvir e saber-se fazer escutar.

“São, pois, as almas melhoradas, os homens mais perfeitos entre nós, que podem servir de intermediários entre o vulgo e os Espíritos; esses agentes, tão ridicularizados pelo cepticismo, tão admirados e invejados pelos crentes, chamam-se, em linguagem espírita, *médiuns*.

“Explicado isto uma vez por todas, notemos de passagem que a Doutrina Espírita conta hoje os seus adeptos aos milhares, sobretudo nas grandes cidades, e que o Conde de Boursonne era um dos médiuns mais poderosos.”

Temos aqui um primeiro erro grave. Se fosse preciso ser perfeito para comunicar-se com os Espíritos, muito poucos desfrutariam desse privilégio. Os Espíritos se manifestam mesmo àqueles que deixam muito a desejar, precisamente para os levar, por seus conselhos, a melhorar-se, conforme estas palavras do Cristo: “Não são os sadios que precisam de médico.” A mediunidade é uma faculdade inerente ao organismo, mais ou menos desenvolvida, conforme os indivíduos, que pode ser dada ao mais indigno, como ao mais digno, arriscando-se o primeiro a ser punido se não a aproveita ou dela abusa. A superioridade moral do médium assegura-lhe a simpatia dos Espíritos bons e o torna apto a receber instruções de ordem mais elevada; mas a facilidade de comunicar-se com os seres do mundo invisível, seja diretamente, seja por terceiros, é dada a cada um, visando o seu avanço. Eis o que o autor teria sabido se tivesse feito um estudo mais profundo da ciência espírita.

“A ciência moderna provou que tudo se encadeia. Assim, na ordem material, entre o infusório, último dos animais, e o homem, que é sua expressão mais elevada, existe uma cadeia de criaturas, melhoradas sucessivamente, como provam à saciedade as descobertas geológicas. Ora, os espíritas se perguntam por que não existiria a mesma harmonia no mundo espiritual; por que uma lacuna entre Deus e o homem, como o Sr. Le Verrier se perguntou como podia faltar um planeta em dado lugar do céu, considerando-se as leis harmoniosas que regem o nosso mundo incompreensível e ainda desconhecido.

“Foi guiado pelo mesmo raciocínio que levou o eminente diretor do Observatório de Paris à sua maravilhosa dedução, que os espíritas chegaram a reconhecer seres imateriais

entre o homem e Deus, antes de haverem tido a prova palpável, adquirida mais tarde.

Aqui, igualmente, há outro erro capital. O Espiritismo foi conduzido às suas teorias pela observação dos fatos, e não por um sistema preconcebido. O raciocínio de que fala o autor era racional, sem dúvida, mas não foi assim que as coisas se passaram. Os espíritas concluíram pela existência dos Espíritos porque estes se manifestaram *espontaneamente*; eles indicaram a lei que rege as relações entre o mundo visível e o invisível, porque observaram essas relações; admitiram a hierarquia progressiva dos Espíritos porque estes se lhes mostraram em todos os graus de adiantamento; adotaram o princípio da pluralidade das existências não só porque os Espíritos lho ensinavam, mas porque esse princípio resulta, como lei da Natureza, da observação dos fatos que temos sob os olhos. Em síntese, o Espiritismo nada admitiu a título de hipótese prévia; tudo em sua doutrina é o resultado da experiência. Eis tudo que temos repetido muitas vezes em nossas obras.

Julgamos útil trazer este aviso ao conhecimento das pessoas a quem possa interessar.

Ao receber qualquer carta o primeiro cuidado é ver a assinatura. Na ausência desta ou de designação suficiente, a carta é jogada imediatamente no cesto, sem ser lida, ainda que traga a menção: *Um dos vossos assinantes, um espírita*, etc. Estes últimos, tendo menos razões que os outros para guardarem o anonimato em relação a nós, por isso mesmo tornam suspeita a origem de suas cartas, razão por que nem mesmo lhes tomamos conhecimento, já que a correspondência autêntica é muito numerosa e suficiente para absorver a atenção. A pessoa encarregada de fazer a sua verificação tem instrução formal de rejeitar sem exame toda carta da natureza das de que falamos.

Allan Kardec